

OBJETIVO GERAL

Este artigo tem o objetivo de analisar o conceito de angústia na obra *A Náusea* (1938), de Jean-Paul Sartre, visando compreender como essa noção está presente na condição humana a partir das vivências do personagem Antoine Roquentin.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Analisar o conceito de angústia na perspectiva Sartriana e como ele é personificado e explorado no protagonista Antoine Roquentin;
- Compreensão dos conceitos-chave do existencialismo;
- Como a análise dos personagens pode influenciar na prática clínica

METODOLOGIA

O presente artigo utilizará a abordagem qualitativa e interpretativa com o intuito de examinar a representação da angústia no romance *A Náusea*, de Jean-Paul Sartre, e de relacioná-la com os conceitos filosóficos desenvolvidos pelo autor. A pesquisa caracteriza-se como exploratória e descritiva, tendo como objetivo principal a compreensão de como a angústia existencial é personificada no protagonista Antoine Roquentin e a sua relação com a liberdade individual dentro do contexto existencialista.

A investigação será conduzida por meio de uma análise qualitativa, utilizando ferramentas de análise de conteúdo e a abordagem hermenêutica para interpretar as representações da angústia no romance. Esta metodologia proporciona uma compreensão mais aprofundada e abrangente dos conceitos centrais do existencialismo, permitindo uma análise detalhada e contextualizada da obra e dos conceitos filosóficos discutidos.

KIERKEGAARD + SARTRE + EXISTENCIALISMO

Soren Kierkegaard, nascido em 5 de maio de 1813 em Copenhague, Dinamarca, é considerado o pai do existencialismo. Ele foi o sétimo e último filho de um próspero comerciante. Ao nascer,

seu pai tinha 56 anos e sua mãe 45, sendo esta a razão pela qual o filósofo referia-se a si mesmo como “filho da velhice”. Das sete crianças, apenas ele e seu irmão Peter Christian sobreviveram. Tal contexto familiar, segundo Kierkegaard, seria um sinal de uma vingança divina (Gouvea, 200, p. 25-28).

Sendo criado em um ambiente profundamente rígido e religioso, Kierkegaard desenvolveu desde cedo uma personalidade moldada pela religiosidade; deste modo, inscreveu-se na Universidade de Copenhague para cursar Teologia. Nesse período em que viveu, escreveu inúmeras obras e vivenciou diversas adversidades desde cedo, como por exemplo o falecimento de seus pais e irmãos, o rompimento de seu noivado com Regina Olsen, além de descobrir que seu pai havia abusado de sua mãe quando ainda era empregada da casa em que morava com sua primeira esposa (tendo em vista que Kierkegaard olhava para seu pai como um ideal de perfeição moral e religiosa). A perda de seu professor e amigo Poul Martin Moller também foi significativa na vida do filósofo. Essas vivências, e o interesse desenvolvido pela literatura e filosofia que adquiriu ainda na Universidade, foram determinantes para a construção da sua filosofia.

Suas obras influenciaram pensadores como Marcel, Jaspers, Sartre e Heidegger. Seu foco no indivíduo trouxe uma nova disposição perante o homem, permitindo assim aprofundar o conhecimento acerca da existência do homem e seus principais elementos, como a angústia. Kierkegaard expõem o homem e a si mesmo tentando vivenciar sua filosofia ao máximo, resultando em diversos pseudônimos, cada um deles com um tom diferente da existência. Essas obras influenciaram principalmente o pensamento existencialista francês advindo das duas guerras (Beaufret, 1976, p.14).

O pensamento existencialista ganhou notoriedade no período pós-guerra, expressando uma Europa que estava dilacerada de forma física, moral e emocional em decorrência das duas guerras. Então, o existencialismo chega refletindo a liberdade e outros atravessamentos da condição humana. A teoria traz a ideia de um homem que se afasta da ideia otimista que predominava no continente antes das guerras (Reale; Anriseri, 2018).

Sartre nasceu em 21 de junho de 1905 em Paris. Em 1924 inscreve-se na Escola Normal Superior cursando filosofia, onde conheceu sua parceira de vida, Simone de Beauvoir. Já em

1933, Sartre se estabeleceu em Berlim por um ano, onde pôde se aprofundar nas obras de Kierkegaard, Husserl e Heidegger, referências importantes para sua filosofia. De volta à Paris, o filósofo publicou seus primeiros romances, como *A Náusea* (1938).

Durante a Segunda Guerra Mundial Sartre foi convocado a prestar serviços militares, e em 1940 foi preso pelos alemães, passando um ano preso num campo de concentração. Contudo, conseguiu escapar e retornou para Paris. Já em 1943 colaborou com o movimento de resistência francesa contra a ocupação alemã. Em outubro de 1945, na edição do *Le Monde*, Sartre anuncia sua conferência de maior prestígio, intitulada *O Existencialismo é um Humanismo*, a fim de expor sua filosofia de forma didática e geral para o público. Esse acontecimento acabou resultando em uma defesa de Sartre contra os opositores da época.

De um lado, estavam os marxistas que acusavam Sartre de incitar uma filosofia contemplativa, (Sartre, 1946, p. 4), promovendo uma visão de universo totalmente desprovida de sentido para o homem. Já o cristianismo acusava-o de negar a realidade dos empreendimentos humanos, tendo em vista que, ao negar a existência de Deus, restava apenas a gratuidade. De acordo com os críticos, como cada sujeito poderia fazer o que quiser, seria incapaz de condenar os pontos de vista e atos alheios. Ao realizar a conferência, quis justamente responder às críticas severas em que estava sendo acusado. E evidenciar a todos como o humanismo está por trás de sua teoria.

Nesta conferência, Sartre diferencia duas vertentes do existencialismo: a cristã e a atéia. Na cristã, o autor cita os filósofos Karl Jaspers (1883-1969) e Gabriel Marcel (1889-1973); já na atéia, Martin Heidegger (1889-1976) e o próprio Sartre. Ambas as vertentes concordam que a existência precede a essência. Para exemplificar essa afirmação, Sartre utiliza o seguinte exemplo:

Consideremos um objeto fabricado, como, por exemplo, um livro ou um corta-papel; esse objeto foi fabricado por um artífice que se inspirou num conceito; tinha, como referências, o conceito de corta-papel assim como determinada técnica de produção, que faz parte do conceito e que, no fundo, é uma receita. Desse modo, o corta-papel é, simultaneamente, um objeto que é produzido de certa maneira e que, por outro lado, tem uma utilidade definida: seria impossível imaginarmos um homem que produzisse um corta-papel sem saber para que tal objeto serviria. Podemos assim afirmar que, no caso do corta-papel, a essência - ou seja, o conjunto das técnicas e das qualidades que permitem a sua produção e definição - precede a existência; e desse modo, também, a presença de tal corta-papel ou de tal livro na minha frente é determinada. Eis aqui uma

visão técnica do mundo em função da qual podemos afirmar que a produção precede a existência (Sartre, 1946, p. 8)

Mas o que significa *a existência precede a essência*? O homem nasce, se constitui e só então se define. O existencialismo concebe o homem como não sendo passível de uma definição porque, ao nascer, ele não é nada e a posteriori.

Significa que o ser humano simplesmente existe e encontra a si mesmo no mundo antes de definir quem é. De acordo com essa visão, o homem não tem uma essência ou definição prévia, pois não há uma natureza humana dada por um deus. O ser humano só se define posteriormente, por meio de suas próprias ações e escolhas. Portanto, não existe uma natureza humana fixa, uma vez que não há uma entidade divina que a estabeleça. Vale ressaltar que o existencialismo ateu não busca afirmar ou negar a existência de Deus; seu objetivo é destacar que, independentemente de um ser superior existir ou não, isso não resgata o homem de sua liberdade inescapável. O autor enfatiza que o homem deve se reencontrar e reconhecer que nada pode livrá-lo de sua responsabilidade de criar seu próprio sentido e propósito na vida.

Para a corrente filosófica, o homem é angústia. Devido a sua condição eterna de fazer-se e de escolher a todo instante, é afastado do predeterminismo atribuído à existência humana. Ao perceber a responsabilidade de seus atos e suas consequências, a angústia vira um estado e a vontade por fugir torna-se inevitável. O homem jamais pode não escolher, sendo que isso já é uma escolha. O existencialismo afirma que o homem está desamparado, sem essência ou destino pré-definido. Ele cria seu próprio caminho e é totalmente responsável por si, sem determinismos externos que o guiem, o que gera desespero. Em *A Náusea* de Sartre, esse desamparo e a responsabilidade são explorados de forma clara. O protagonista da obra se vê confrontado com a falta de sentido da existência e a ausência de valores absolutos, o que lhe causa uma profunda náusea, um mal-estar existencial ao perceber o peso das escolhas humanas. Sartre enfatiza que a liberdade radical do homem também é sua condenação, pois implica viver sem muletas externas e assumir integralmente o fardo da própria existência

A existência precede a essência. Esse é o mais popular e emblemático princípio da filosofia existencialista de Sartre. O homem não possui uma essência dada a priori: ele é aquilo que faz no decorrer de sua vida. Nesse sentido, nenhuma determinação, seja da ordem da natureza – como a hereditariedade – seja de ordem metafísica – como Deus – explica o que seja o homem:

ele é fruto de um processo marcado pela liberdade de escolha num contexto de possibilidades. O homem constrói a si mesmo por meio do exercício da liberdade. É preciso lembrar que, para Sartre, a liberdade não é uma faculdade humana abstrata ou puramente espontânea. A liberdade é uma atitude concreta e sempre situada. Cada indivíduo está inserido no mundo no qual pesam sobre ele desde fatores pessoais, como a família e a condição social, até a própria configuração histórica de sua época. A existência depende da conduta que cada um assume em relação a essas contingências. O homem é inteiramente responsável por aquilo que ele é. E a responsabilidade, pensada como o engajamento no mundo, é um valor inerente à liberdade.

O cerne do existencialismo se encontra no entendimento de que a existência precede a essência, onde acredita-se que o homem é jogado ao mundo, existe e se define como ser. Onde a existência de Deus é desacreditada, o homem será o que ele quiser ser; a partir das suas escolhas, quem ele será é resultado da sua existência.

REFERÊNCIAS

SARTRE, J. P. (2013) O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica. Tradução de Paulo Perdiggão. 22ª ed., Vozes. Rio de Janeiro.

BEAUFRET, J. Introdução às Filosofias da Existência: de Kierkegaard a Heidegger. São Paulo: Duas Cidades, 1976 [1971]

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. Tradução de João Batista. São Paulo: Editora Vozes do Bolso, 2010.

GOUVÊA, Ricardo. Uma introdução a Kierkegaard. 1. ed. São Paulo: Loyola, 2000.

SARTRE, J. P. O existencialismo é um humanismo. Riseup, 1970. Disponível em <https://we.riseup.net/assets/455403/Existencialismo.pdf>. Acesso em 29/08/2024.

CARVALHO, M. N.; GABRIEL, N. L. D. Reflexões sobre a noção de angústia em Sartre: contribuições para a psicologia clínica. Researchgate, 2022. Disponível em https://www.researchgate.net/publication/361009077_Reflexoes_sobre_a_nocao_de_angustia

_em_Sartre_contribuicoes_para_a_psicologia_clinica/fulltext/6401d8560cf1030a566c8f27/
Reflexoes-sobre-a-nocao-de-angustia-em-Sartre-contribuicoes-para-a-psicologia-
clinica.pdf?origin=publication_detail&_tp=eyJjb250ZXh0Ijp7ImZpcnN0UGFnZSI6InB1Ym
xpY2F0aW9uIiwicGFnZSI6InB1YmxpY2F0aW9uRG93bmxvYWQiLCJwcmV2aW91c1Bh
Z2UiOiJwdWJsaW NhdGlvbiJ9fQ KIERKEGAARD. Acesso em 29/08/2024.